

18 MAIO
1925

NÚMERO ESPÉCIME

PREÇO
1\$50

O Espectro

ARTUR LEITÃO
Director político

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA "LVMEN"

F. VALENÇA

Redacção e Administração: Rua do Mundo, 95, 3.º — LISBOA

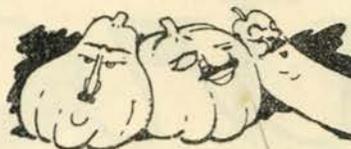
Director artistico

EIS O ESPECTRO!



Nesta hora tremenda, hora talvez fatal
Ha quem gracieje como em pleno Carnaval.

PATRIA — Guerra Junqueiro.



fruta do tempo

QUE o caso é serio, a propria cegueira o ré!... Mas os senhores acham bem que estejam os bobos, no palco, a desempenhar uma tragedia de Éschilo?

A verdade é esta: no drama social da Nação, a gente ergue os olhos com alvoroçada anciedade, para assistir a uma luta de gigantes e presença unicamente uma futil gambèrria de anões.

A gente alça o espirito para a contemplação dum catapultuoso embate de grandes ideias e depara somente com a banalidade enovelada na charrice, qual de baixo, qual de cima, aos guinchos — agatanhando-se.

Não é sequer a guerra do alecrim e da mangerona. É a porca disputa do lixo com a lama.

Lixo e lama.

Exagéro?

Verifiquem:

Na arte, fosforejam vagalumes, a fingir de sóis. No proletarismo, é a preguiça quem prega as reivindicações do trabalho.

Na industria, o principal alicerce é a protecção das pautas.

Na finanças, os cofres onde se aferrolhava o oiro, passaram a servir de papeleiras.

Na politica, é a mão perdularia do senhor ex reitor da Universidade, capitão Cunha Leal, que na tribuna gesticula — reclamando economias! Pela logica do absurdo, ainda hei de vêr este contraste: o Harpagão, de Molière, a evangelisar, magnanimo e serafico, o desprendimento dos bens terrenos...

Se não fosse algum esquisito sintoma de civismo, brilhando raro no horizonte, acreditar-se-ia que a nacionalidade perdeu de todo a coesão e que nem somos ao menos, um sistema gregario: — rebanho, manada, récua...

Estamos em pleno regime de selecção inversa: os banaboias tresmalharam do anonimato para a celebridade, grimparam a ministros, publicistas, sabios, oradores.

E usam qualificativos pomposos: chamam-se o

eminente estadista, sr. Pina Lopes; o inspirado vate, sr. João Maria de Sevilha; o insigne matematico, sr. Antonio Cabreira; o demostenico tribuno, sr. doutor Cancela de Abreu; o sagaç economista e ponderado organizador, sr. Lima Basto...

E eis aqui para onde o gado foi...

Acreditar-se-ia que nem somos um sistema gregario e, não obstante, grita-se e berra-se, descontradadamente, por um pastor!...

Ha quem se volte para a Austria remota, e ofereça um reino ao menino Dom Nuno, — como se o brindasse com um cavalinho de pasta.

Ha quem alumie esperanças ao regresso do senhor Dom Manuel. Mas a experiencia dá bom conselho. Sua Magestade fidelissima só voltaria para o trono, se lh'o puzessem encostado á raia, — e com escada de salvação para a fronteira...

Outros, — e esta é a ultima metamorfose do sebastianismo, — pedem bis ao senhor doutor Afonso Costa. Não se acende um charuto apagado, porque, depois... não presta. Com os Messias é o mesmo. Senão veremos. O senhor doutor Afonso Costa foi, na politica portuguesa, uma especie de contundente martelo. Acudiu ao desmoronamento nacional com varios espeques bem postos e com algumas ripas bem pregadas. A seguir, o martelo entrou numa fase de batedoiro delirante. Panca-deou á tôa, cegamente, implacavelmente, infatigavelmente. Ora é destino fatal: quem, na politica, faz apenas de martelo, vem sempre a transformar-se em bigorna. Confirmação: o cinco de dezembro.

Quero acreditar que o senhor doutor Afonso Costa torne, do estrangeiro, melhor temperado. Quero supór que a sua tempera de aço, caldeada no contacto de outros meios, adquirisse maior flexibilidade. Mais le naturel reviendra au galop.

Dentro em pouco estará martelo outra vez. E outra vez ha-de tornar a ser bigorna. Senão veremos.

É este, oh portugueses, o balanço do ano que findou e o juízo do que passa, já verificado no trimestre decorrido.

A. L.



No mesmo dia em que os jornais noticiavam o adiamento dos trabalhos parlamentares inseriam também uma local em que se dava conta da entrada no Jardim Zoológico dum novo exemplar de antilope, corpulento bicho africano armado com um par de chifres, retorcidos em saca-rôlhas.

Louvemos o sagaz destino que tão habilmente prepara estas compensações e proporciona assim aos forasteiros uma distração que se destina a suprir aquela que os trabalhos parlamentares lhe ofereceriam, dando-lhe, quanto possível, na vista dos ornamentos retorcidos do novo antilope uma idea bastante aproximada da forma e da consistencia dos discursos de obstruccionismo.

■ ■ ■

CHEVALIER, que ha pouco exhibiu o seu reportorio de canções no S. Luiz, versando o tema de «ça vient ou ça ne vient pas», contou por musica o caso dum desastrado leiteiro amator que, para efeitos de ordenhar, confundiu os sexos dos animais que pastavam num prado. Finda a canção com esta tremenda *boutade*, os braços nús das senhoras, em grande *toilette* de noite, agitaram-se em aplausos delirantes que fartas risadas sublinhavam, o que deu ensejo a reparos.

Na noite seguinte, Chevalier repetiu a canção e as senhoras absteram-se de aplaudir e até de rir. Ficou salva a moralidade e ficaram satisfeitos os reparadores, mas a duvida ficou também subsistindo: deu-se uma manifestação de comedimento, muito de louvar, na segunda noite ou em ambas elas se revelou um profundo desconhecimento da lingua francesa?

■ ■ ■

TERMINOU o monopolio dos fosforos. Ninguém deu por isso, mas acabou. Em qualquer outro país do mundo o fim dum monopolio tão execrado, como entre nós foi o dos fosforos, teria sido celebrado, senão com foguetes, pelo menos com a in-

vasão do mercado por produtos nacionais e estrangeiros mais baratos e de melhor qualidade.

Pois até hoje ainda ninguém se mexeu, fosforicamente falando, e todos nós continuamos a achar péssimos e caros os fosforos da Companhia. E pouco viverá quem não vir, exgotada a derradeira caixinha, o governo armado em vestal vigilante do fogo sagrado, mantendo uma fogueira em cada ministério e fazendo uma distribuição de brazas e tições por todo o país, por intermedio das repartições de finanças e das administrações de concelho.

■ ■ ■

METER-SE uma pessoa num automovel e ir por ai fora, por essas ex-estradas do nosso país é feito que emparelha, em audacia, com os antigos cometimentos, do tempo das descobertas, excedendo os talvez em heroismo, porque certamente foi mais facil a Gonçalo Zarco descobrir a Madeira, numa caravela, que a qualquer de nós descobrir o Bombarral, numa *limousine*.

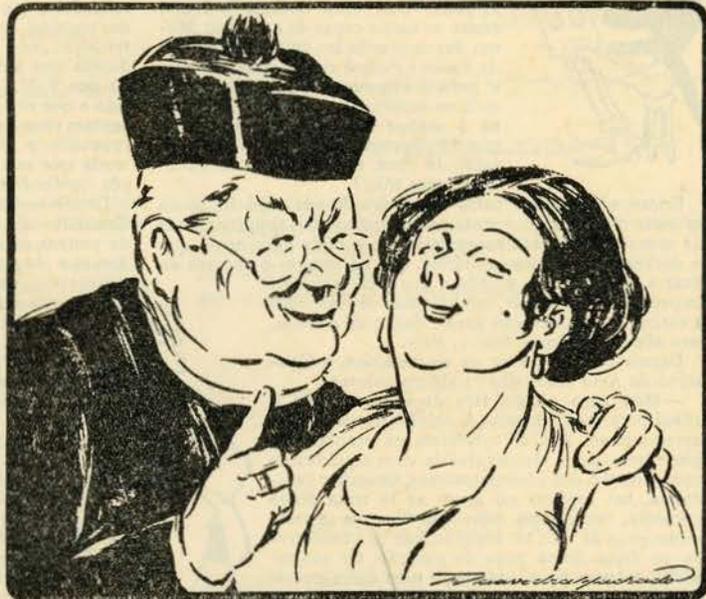
Ha quem não perceba como é que o desleixo administrativo deixou chegar as coisas ao ponto de o país ficar quasi por completo privado das suas vias de comunicação de mais frequencia e maior necessidade.

Pois é bem simples, cavalheiros: um país que anda sempre em vias de facto dispensa facilmente as vias de comunicação e de macadame.

O MELRO.

Figuras e aspectos da nossa terra

Depois da confissão



...e agora vá direitinha para casa, que a penitencia não foi grande...



CONSELHOS D'ARTE

Tive outro dia entre mãos uma circular do *Teatro Novo* em que se convidava a pessoa a quem era dirigida a fazer parte dum *Cercle*—porque não chamar-lhe grémio, tranquilamente, á antiga portuguesa? — de amigos do teatrinho que vae abrir numa das salas do *Tivoli*.

Alguem me explicou do lado que se trata de angariar duzentas pessoas, que tendo o direito de assistir ás ante-priméiras e ensaios gerais pela módica quantia mensal de quarenta escudos, realisariam a soma da renda da casa.

Não vi o que houvesse que notar em tão legitimo propósito. O que me deu no goto é que á margem da circular se inscreve que ela emana do «Conselho de Arte». Achei excelente e conclui que o Teatro Novo será como se anuncia, provido de todos os confortos modernos.

Não sei quem compõe o tal Conselho de Arte que, como o seu nome indica, se occupará provavelmente de aconselhar em toda a materia que á Arte actual diga respeito. Calculo que será formado de leais conselheiros e pessoas idoneas. E fiquei lamentando que todos os teatros não estivessem providos dum conselho assim.

Esses conselhos, funcionando permanentemente, começariam por aconselhar á maior parte dos empregarios que se occupassem d'outra coisa, e dir-lhes-iam :

— Que diabo, meu amigo ! O teatro é, segundo consta, uma das mais directas provas da actividade mental dum povo. Como quer V. que pouco mais sabe que ler, cuja cultura corre parelhas com a dum carapau frito, dirigir um teatro? Que entende o senhor de escolher peças? Caso lhe venha parar ás mãos uma obra decente e digna, como se supõe capaz de a realizar dentro das necessidades dela e do espirito da época? Pedirá ajudas para a direita e para a esquerda. Que critério applicará na escolha das suas collaborações, se o senhor não tem critério? Com que intelligencia preparará a apresentação da obra, se o senhor é reconhecidamente tólo ?



Encarando agora a parte financeira do seu negócio, como se mete o senhor em aventuras que, pelas mais simples contas de somar, se verifica serem becos sem saída? Dir-nos-á que o dinheiro é dos comanditários, que há sempre o recurso de ficar a dever a meio mundo e que tudo isso não impede de recommear, quinze dias depois, com a estima e consideração geral. Mas, com a bréca, isso afinal é ridiculo, feio... sujo...

Depois de aconselhar os empregarios, o Conselho de Arte aconselharia alguns autores :

— Meu caro amigo, isto de escrever não é afinal para toda a gente. A ortografia e a sintaxe aprendem-se. Até se aprendem na escola. Mas gisar uma peça, desenvolvê-la com equilibrio e com a noção dos efeitos teatraes, desenhar caracteres, ter espirito ou graça se se trata duma comédia, ter alguma coisa que dizer se se trata duma peça de tese, ter sensibilidade communicativa se se trata duma peça de emoção, ter em resumo, talento para o teatro, é uma coisa que se não aprende, por mais que se insista. E o facto do público tolerar certas baboseiras, e aplaudidas mesmo, não significa nada. É só o público, que gosta, mais ninguém. O meu querido amigo conti-

nua burro como era. Ganhoun uns patacos? Era, afinal, que desejava? Não podemos felicitá-lo, nem encorajá-lo, nós que somos um Conselho de Arte.

E tendo aconselhado essa qualidade de autores, o Conselho d'Arte aconselharia a maior parte dos actores :

— «Meus amados irmãos, leitores e sacerdotes da arte de

Talma! O tempo de António Pedro e do «Calhou» pertence á história. Há muitos anos discutiu-se na imprensa franceza este principio: «se o actor podia deixar de ser intelligente» e concluiu-se pela afirmativa. Mas hoje os tempos vão mudados. Há muita peça, felizmente, que se dirige á intelligencia do espectador e que só pôde ser interpretada com compreensão absoluta. E metam a mão na consciencia. Verão que, na generalidade, dão nos burrinhos d'Azeitão, bons rapazes é certo, por vezes desejosos de acertar, mas sem preparo anterior, sem leitura, sem hábitos de trabalho mental, sem probidade artistica, preocupados com o que diz nas gazetas o reclamista da casa ou os reclamistas d'ocasião e descuidadosos do que se vocifera nos corredôres. E então modérem-se, caiam em si, não scismem representar peças que não comprehendem, sôbre as quais seriam incapazes de conversar cinco minutos.

E, se a vossa modestia acordada vos desviar d'altas cavalarias artisticas, que ella vos desvie tambem da molestia que parece atacar-vos a todos : formarem companhias de que sereis cabeças para representar exactamente as peças que menos vos convenham. Puxem a redea á vossa vaidade. Vejam onde ella vos pode levar, a que existencia de forçados ella vos pôde conduzir : ter que arranjar comanditários, que lhes contar lóas inverosimeis, que formar uma companhia em que ninguem vos incomode, que escolher as peças que mais briguem com a lógica, que distringar a que secretário de redação, a que crítico ou a que jornalista de possivel influencia devem confiar a tradução, se a peça é estrangeira. Tereis depois que ensaiar, que ensinar coisas de que V. V. ignoram o verdadeiro sentido e que representar papeis que vos assentam como uma capa de borracha a um crocodilo e afrontar essa fera embalsamada que se chama o público e que vó-cês confundem com o chefe de claque.

Depois—embora estes assuntos não caibam bem a um Conselho d'Arte— lembrem-se das outras trapalhadas : ter de poupar os selos para não engordar o fisco, de assinar *bordereaux* duplos e triplos para fornecer aos interessados em percentagens, de fabricar folhas seraes de fantasia, de defender-se dos cumplices e apaziguados, etc. etc.

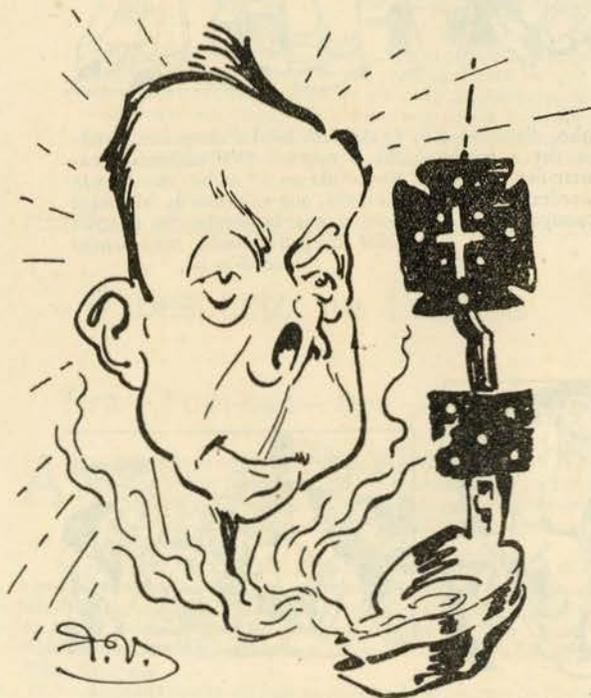
E tendo aconselhado actores, o Conselho d'Arte iria em cortejo procurar aos sub-vice-extra-arrendatários adjuntos dos teatros e dir-lhes-ia :

— «Como pretendem os senhores que se faça Arte, que se organisem companhias em termos e se realizem montagens suficientes em teatros que V. V. Ex.^{as} estrangulam á nascença com um rosario sem fim de percentagens e de logares cativos? Emquanto há autores que fritam os miolos, pseudo empresários que suam tinta, actores— em pequeno número é certo— que desejariam trabalhar no bom sentido da palavra, os senhores, com um contracto de arrendamento na mão e um fiscal na bilheteira, são as sangue-sugas do teatro e os únicos a tirarem algum proveito d'êlo.»

Proveito material, é certo, mas que



JARRÕES...



E. de C.

(Autor de «Chamas;duma Candela Velha»)

*Com seu anel heraldico no dedo
E na gravata uma ametista roxa,
Diz em Madrid A Princezinha coxa,
E em Coimbra exhibe o seu brasão a mêdo.*

*Vai aos jogos florais de Salamanca,
Diz sonetos d'amor à maravilha
E se esta senda por mais tempo trilha
Inda faz outra princezinha manca.*

*Na cathedra, soberbo, pontifica
E no Parnaso, onde os seus dias perde,
O Pégaso e as musas domestica.*

*E, grave, à luz duma candeia velha,
Odeia a esplendida esmeralda verde
Junto à granada rutila e vermelha...*

TUGÉNIO DE LASTRO.

Nos bastidores

1.^a actriz — Se alguma vez me vier a casar, a primeira coisa que faço é contar toda a minha vida a meu noivo. Não quero que um dia possa vir a lançar-me nada em rosto.

2.^a actriz — Mas contas tudo, tudo?

1.^a actriz — Tudo. Todos os erros, todas as escorregadelas, todos os disparates, todas as asneiras... Ao menos provará, casando comigo, que é amigo a valer.

2.^a actriz — Acho bem; no entanto...

1.^a actriz — ... é preciso ter coragem.

2.^a actriz — Sim... E uma memoria prodigiosa.

No tribunal

Juíz — Já foi condenado alguma vez?

Réu — Uma vez, ha doze anos, fui condenado em cinco mil reis de multa por tomar banho no Aterro.

Juíz — E depois disso?

Réu — Depois disso... nunca mais tomei banho.



mata o nosso, aquele pelo qual têmos que nos interessar, nós que sômos Conselhos d'Arte.

Os Conselhos d'Arte detalhariam, consoante o local, a hora e a pessoa, os princípios gerais que aí ficam, que estão no espirito de todos e na boca dalguns, que não se calam com papas.

Não nos faltaria que aconselhar, aos conselhos que eu desejaria ver em cada teatro e de que, afinal, só o Teatro Novo está provido. Bem haja!

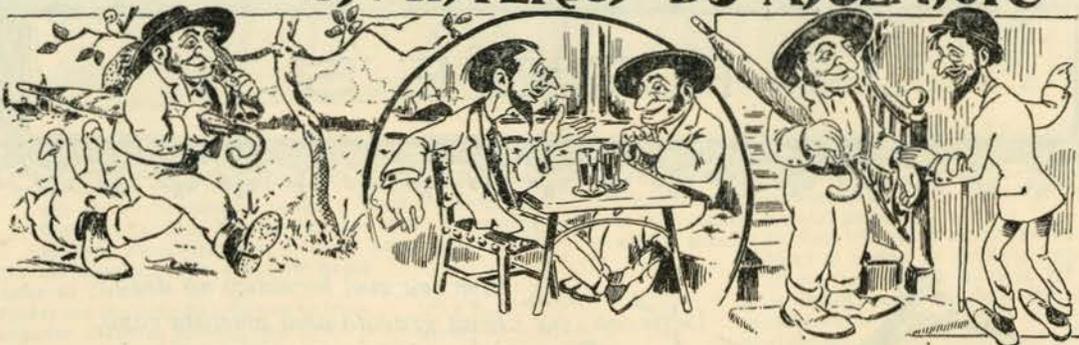
ANDRÉ BRUN.

Astronomia

Reflexão de um ouvinte, após uma conferencia popular de vulgarisação scientifica:

— Lá que se calculasse a distancia a que ficam as estrelas, ainda compreendo; mas o que me parece admiravel é terem-se averiguado os nomes de todas elas!

OS MISTÉRIOS DO ASCENSOR



Zé Pacóvio, aldeão rico e aváro, veio um dia a Lisboa, pela primeira vez, recomendado a um amigo de um sobrinho, amigo que, aqui para nós, era um grande pandego, e que, desde logo pensou em pregar-lhe uma partida.

Um dia, no Martinho, disse-lhe o tal amigo: — Venha daí a minha casa. Vou apresentar-lhe o meu irmão que é extraordinariamente parecido comigo.

O Pacóvio foi. Lá chegados, tornou-lhe o outro: — Vá vocemecê andando até ao 5.º andar, que é onde eu moro, que eu tenho de falar aqui com o guarda-portão. Se eu não tiver chegado ainda, meu irmão recebê-lo-há.



Pacóvio subiu os degraus e chegou ao 5.º andar, como o outro não aparecesse, tocou. O irmão veio abrir, ou melhor, o nosso amigo que subira no ascensor e estava já em casa. Ao vê-lo, Zé Pacóvio exclamou: — E' «varddade»! Como «vomecê» se parece co' «sê» mano!

— Vou descer, visto qu'ê «nan» vem. E Zé Pacóvio desceu a escada, vindo encontrar o nosso homem no rez-do-chão, tendo descido mais depressa no ascensor. — «Ena pai! Nunca vi co'ças mais «p'racidas»!

— E' «impossível» destrinçar o senhor do «sê» irmãos». No café, os amigos, ao corrente da partida, informavam-se junto do farcista da saúde do seu irmão gémeo. — Está bomsinho, obrigado, respondia, muito sério.



Dois dias depois, em casa de uma pessoa conhecida, veio á baila falar-se do Sr. Aniceto, pois era assim que se chamava o nosso homem. «— Conheço-o «munto» «ben», assim com'o «sê» mano!» — Mas ele não tem nenhum irmão! exclamou um dos presentes.

— Ora essa! «Antã» «ê» «nan» vi!... C'até «sã» «tã» «p'racidos» c'a gente «inté» faz «confusão»! — Você é que fez confusão, porque nós nunca lhe conhecemos irmão nenhum.

— A apostar! gritou o Zé Pacóvio. Cincoenta «mêl» reis! Mas fique sabendo que vou roubá-lo, porque «ê» «ben» vi os dois, um «en» baixo e outro «en» riba, no quinto andar, 'caté veio abrir-me a porta!

(Continúa na pagina seguinte)



— A aposta decidiu-se. Além dos cinquenta escudos, aquele que perdesse pagaria um jantar a oito pessoas. Certo de que ganharia, Zé Pacóvio aceitou. A tropa toda foi até casa do Aniceto. Ali fizeram funcionar o ascensor em frente do s. loio, e tendo-o feito subir a escada, este foi encontrar no 5.º andar todos aqueles que tinha deixado na loja. Obrigado a confessar-se vencido, o aldeão pagou sem dar parte de fraco,

apesar da sua avareza, mas jurou não tornar a pôr os pés em Lisboa, essa terra do diabo, onde não sabem o que hão de inventar para vexar as pessoas de bem.

O Desporto na Política

Tiro — Foot-ball — Box — Esgrima

A penetrante propaganda realizada ultimamente em Portugal a favor do desporto está produzindo os seus patrióticos efeitos na vida política. Numa rápida resenha das mais recentes exhibições podemos mencionar, por ordem cronológica:

1.º — Torneio de tiros de peça, reforçado, para mais sibilante harmonia do conjunto, com metralhadoras e carabinas. Realisou-se nos dias 18 e 19 do mês passado para a disputa do *grand prix* da salvação nacional. Venceu o g upo Valdez-Mac-Bride, que lutava contra a *equipe* Filomeno da Camara-Raul Esteves.

2.º — Demonstração de *box* na cabeça do sr. deputado Pinto Barriga, que se confessou vencido ao primeiro *rund*, não tendo havido *knock-out*.

3.º — Combate de foot-ball no campo de S. Bento entre as *equipes* democratica e nacionalista, capitaneadas respectivamente pelos srs. José Domingues dos Santos e Cunha Leal.

Estão desde já anunciadas varias demonstrações de esgrima e *box*.

O *Espectro* pretende firmar os seus credits como jornal de boa informação em matéria de desporto político. Ai vão algumas notas, absolutamente inéditas, da nossa reportagem.

■ O torneio de tiros de peça foi o complemento dum combate de sabre realizado no verão do ano passado entre os srs. Travassos Valdez e Cunha Leal, em que ficou vitorioso o segundo. Esteve para se realizar pela mesma epoca um outro encontro, tambem a sabre, entre o primeiro daqueles contendores e o sr. Filomeno da Camara. Adiado a ultima hora, por motivos imprevisitos, os adversarios optaram pelo tiro de peça, geralmente considerado mais eficaz para se obter a salvação nacional.

■ Tudo indica que a propaganda do *Seculo* a favor duma energica preparação para as proximas Olimpíadas contribuiu fortemente para as demonstrações de desporto político acima mencionadas.

■ Entre os prémios dos jogos olimpícos nacionais do proximo ano figura em primeiro lugar a taça do contrato dos tabacos. Tambem devia aparecer na lista a salva do monopólio dos fosforos, mas não houve tempo de preparar convenientemente as *equipes* que deviam disputal-o. Ha esperanças, porém, de a incluir outra vez na lista, anulando-se préviamente, como *match nulo*, o jogo que deu lugar ao numero da liberdade da industria. Se assim fôr, estabelecer-se-ão prémios de expropriações pelo Estado para os concorrentes que não alcançarem a primeira classificação, que dará direito à salva.

■ A arbitragem do combate de foot-ball no campo de S. Bento foi realizada no primeiro encontro pelo sr. Correia

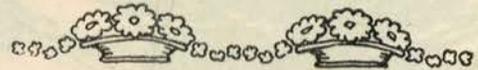
Barreto, e no segundo pelo sr. Domingos Pereira. Ambos manifestaram a sua imparcialidade deixando os capitães da *equipe* regular livremente as diversas fases do jogo. Não houve marcação de penalidades.

■ A linha avançada da *equipe* democratica esteve a cargo dos srs. Julio Gonçalves, Tavares de Carvalho, Sá Pereira, Amadeu de Vasconcelos e Jaime de Sousa. A aza direita da *equipe* nacionalista tinha como reserva o jogo dos srs. Carvalho da Silva e Cancela de Abreu.

■ Causou estranheza que o capitão da *equipe* nacionalista abandonasse o campo antes de findo o combate. Sabemos que ele se dirigiu para o *ring* dos Passos Perdidos aguardando a oportunidade, que não se ofereceu, duma exhibição de *box* com o seu adversario da *equipe* democratica.

■ O combate terminou por uma ruidosa vitoria do onze governamental, que só iniciou o seu jogo depois da *equipe* nacionalista estar bastante fatigada. A derrota dessa *equipe* assinalou-se por uma retirada do campo, em boa desordem.

■ Após os combates de esgrima e *box*, já annunciados, deve repetir-se o torneio de tiros de peça, pois ainda não amorteceu o fervor patriótico para a disputa do *grand prix* da salvação nacional.



Impressões de uma "première"

1.º *critico* — Que impressão te deixou a *primeira* da peça de F.?

2.º *critico* — A impressão de uma... *ultima*.

■ ■ ■

1.º *critico* — B., no protagonista, esteve positivamente insuportavel. Engulia frases inteiras...

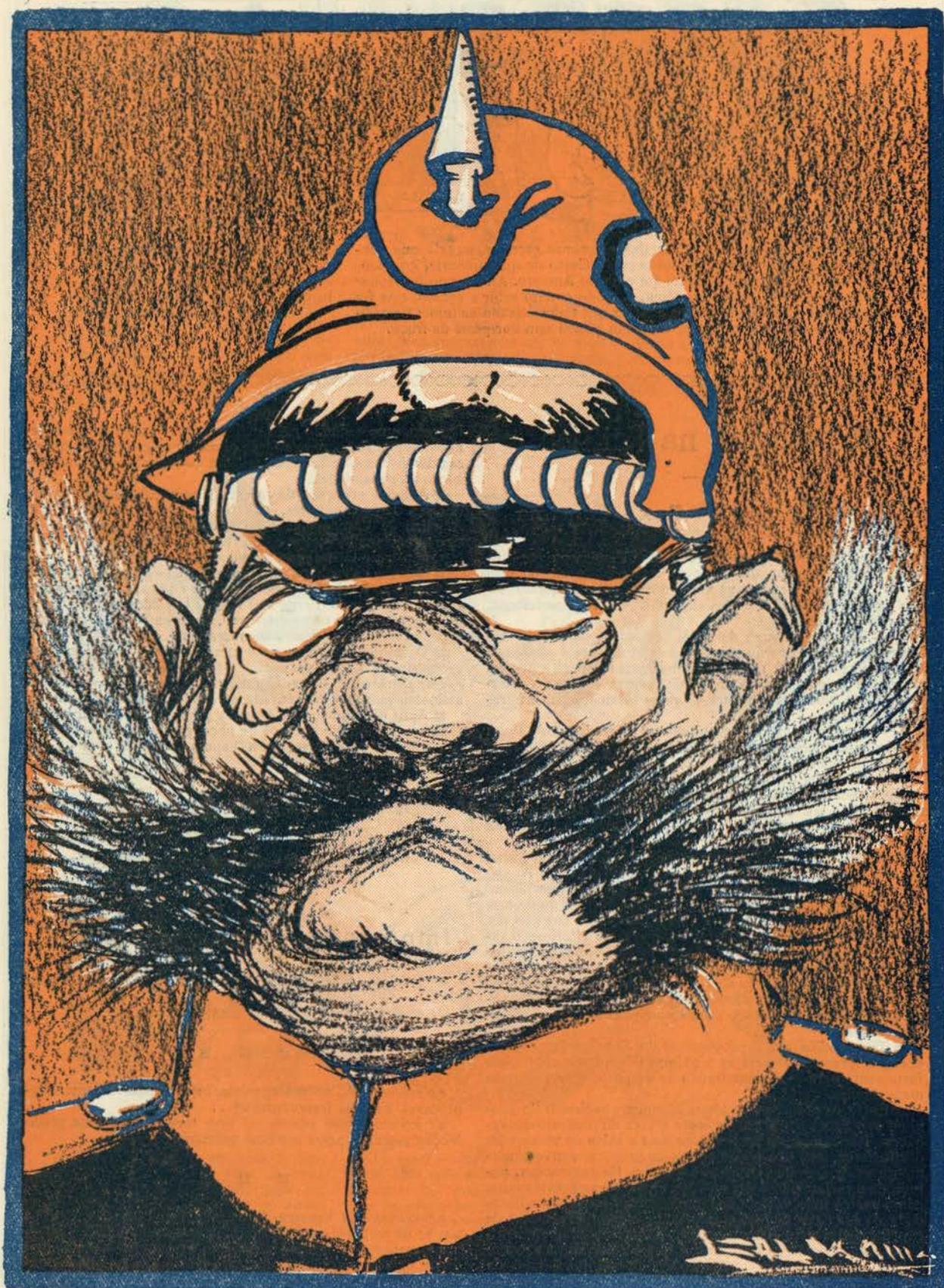
2.º *critico* — Não admira. O tipo teve sempre uma predilecção marcada pelas comidas ordinarias.

■ ■ ■

1.º *critico* — A ingenua é que não ia mal de todo. E tinha um ar de mocidade e de frescura deveras notavel.

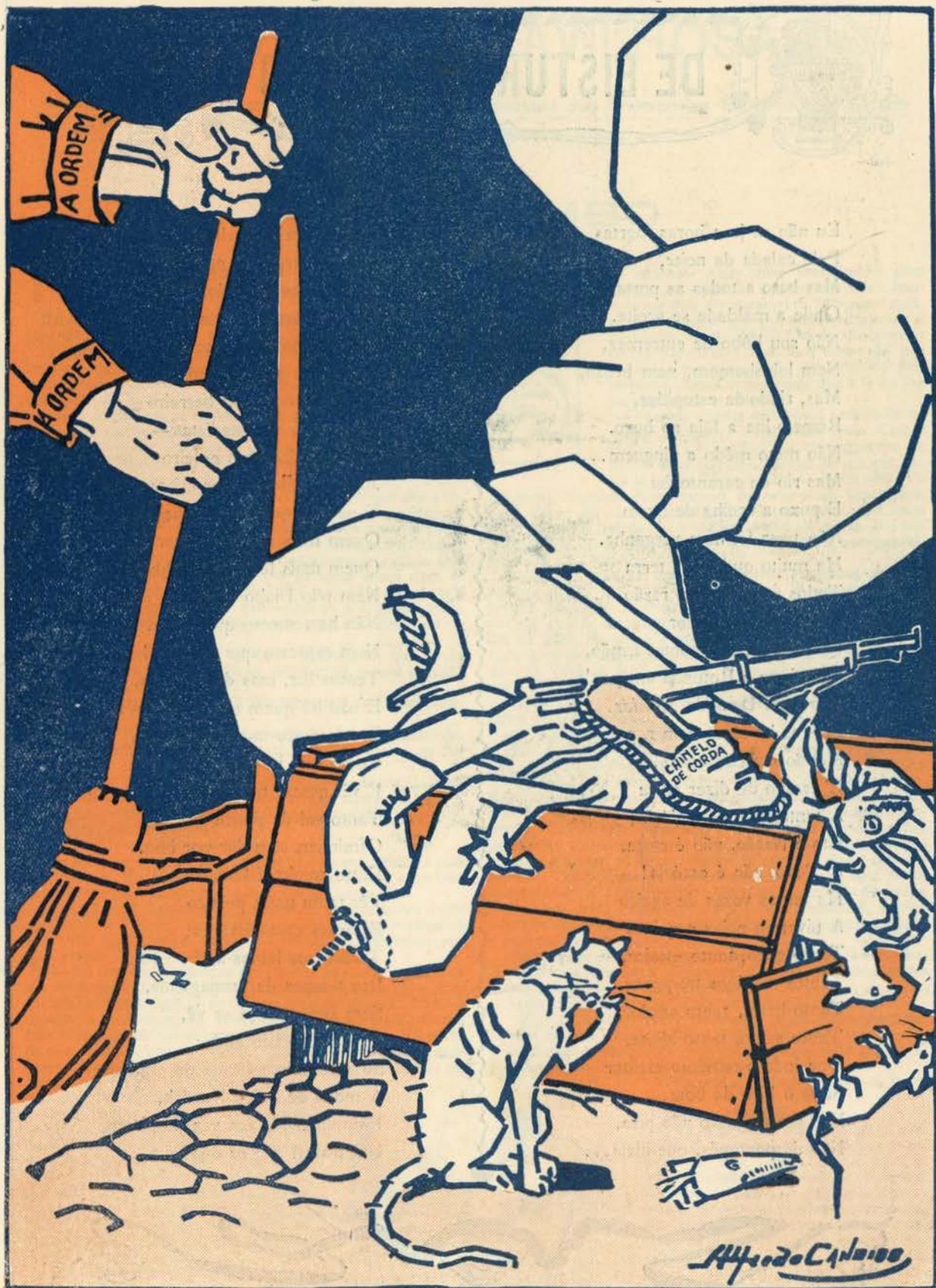
2.º *critico* — E' verdade. Eu não sou desse tempo, mas dizem os velhos frequentadores do teatro que não ha memoria de se ter apresentado assim.

O MARECHAL HINDENBURGO



Imperial Presidente da Monarquica Republica Alemã

O RESCALDO DO 18 DE ABRIL



Um velho «chinel de corda», uma «camara» reventada, cabeças de peixe, pó, terra, cinza e nada...



DE BISTURI EM PUNHO



Eu não surjo a horas mortas
Pela calada da noite,
Mas bato a todas as portas
Onde a maldade se acoite.
Não sou bôbo de entremez,
Nem lobishomem, nem bruxo,
Mas, rindo da estupidez,
Remeto-lhe a fala ao buxo.
Não meto mêdo a ninguém...
Mas rio da carantonha
E puxo a orelha de quem
Não tiver fé, nem vergonha.
Ha muito que nesta terra
Todos ralham, sem razão.
Não póde haver pior guerra
Que a de irmão contra irmão.
Que fique a Rotunda em paz!
Livre-nos Deus de *Messias*...
Pois se ha tanto bom rapaz
Metido em cavalarias!
E' tempo de dizer *basta*
A tanta façanha inglória;
Isto é Nação, não é casta,
E' Povo, não é escória!
Ha tantas vozes de agoiro
A uivarem pelas esquinas
Tanto grito, tanto estoiro,
Tantos meninos traquinas,
Tanto heroi, tanto orador,
Tanto sábio, tanto idiota,
Que inda o remédio melhor
Seria o bico da bota...
Mas um espectro não pisa,
Não dá pontapés, que ideia...

Não atropela, deslisa,
Flutúa, perpassa, ondeia.
Ri às vezes amarelo,
O que é um riso dos piores —
Pois êle ha tanto camêlo
A dar leis entre doutores...
Faz pena ouvir tal berreiro
Nêste país de estadistas —
Muitos gálos num poleiro
Jogam fatalmente as cristas.
E não há quem se conheça:
Quem mais mente melhor fala,
Quem mais levanta a cabeça
Nem p'lo Diabo se cála.
Não ha remorso que vála,
Nem espectro que apavóre!
Temos luz, mas de fomalha,
E não há quem nos melhore...
Vir de outro mundo distante,
Como esta imagem figura,
E vêr nascer triunfante
Tanto sol de pouca dura;
Caminhar, sem dar por isso,
Entre sombras familiares,
Vêr tanto nariz postiço
E tantas caras alvâres;
Trazer nos lábios a fé
Dos tempos da progaganda,
Sem suportar, já se vê,
Como tudo isto anda;
Só mesmo em fôrma de espectro
À moda de Allan Kardek,
Empunhando, em vez do pletro,
Um bisturi que os disseque...



VIAGENS MARAVILHOSAS

Aventuras e episódios narrados por um antigo tripulante dos Transportes Marítimos do Estado
numa taberna da Ribeira Nova

O CACHIMBO

TODA a gente sabe que um homem do mar nunca falta à verdade e gosta de fumar cachimbo.

Este esclarecimento é indispensável à compreensão exacta do que lhes vamos contar.

O *Mendes Barata*, que é como vocês sabem um esplendido navio, estava fundeado no porto de Singapura. Uma noite entrei no camarote do meu colega e amigo Eufrásio — vocês conhecem, o Eufrásio, que tem há dois anos em Setúbal uma fábrica de conserva de charrôco e comprou o outro dia o palácio do Monteiro Milhões em Sintra.

O Eufrásio tinha um magnífico camarote a estibordo, grande como um salão de baile, e que era a inveja de todos. Por isso estávamos sempre lá metidos ao cavaco, porque o Eufrásio era palrador, tinha uma pinga de aguardente que nem a do Alpendurada e sabia por miúdos a vida íntima de todos os políticos da nossa terra. Quando abri a porta não quis acreditar no que os meus olhos viam. O camarote estava cheio de um fumosito azulado e por entre a neblina via-se — calculem o quê! — via-se o Eufrásio tranquilamente sentado em frente do seu copo e a fumar um cigarro.

Palavra de honra que é verdade. O Eufrásio, que vocês nunca lobrigaram sem cachimbo nos dentes, estava a fumar cigarro. Fiquei quasi sem fala!

Entre e perguntei-lhe com voz trémula a razão do extraordinário caso.

« — Deixei há bocado, por distração, cair o meu cachimbo ao mar », respondeu socegradamente. E puxou mais uma bafurada.

Detesto as pessoas que se não comovem diante de uma grande desgraça. O Eufrásio parecia tão tranquilo com a perda do cachimbo como se lhe tivesse morrido a mulher.

Respondi-lhe friamente:

« — Parece que depressa te consolaste... »

« — Não, meu rapaz, não julgues que eu sou criatura sem sentimentos. Eu estava aflitíssimo se não tivesse a certeza certa que o meu cachimbo há-de aparecer outra vez. »

Dizendo isto, desrolhou a garrafinha, encheu outro copo para mim, e esboçou um sorriso que lhe dava ao rosto uma expressão quasi bonita. Vocês, que conhecem o Eufrásio, podem avaliar da importância desta observação.

« — Há dez anos, começou êle em voz pausada, quando eu era ainda estivador em Lisboa, perdi pela primeira vez o meu cachimbo numa fragata ao pé da doca de Santos. Tinha-o comprado dias antes, no mercado de S. Bento e afeiçoei-me logo a êle por ser um objecto simples e sem enfeite. Eu gosto da simplicidade, como convém a uma pessoa de hábitos modestos. Tive um desgosto que nem calculas. Puz anúncio no *Século*, no *Diário de Notícias* e no *Libertador*. Nada. Dei parte à policia. Fizem-se ruggas na cidade e efectuaram-se por suspeita duzentas e cinquenta e duas prisões. Nada. Desatei a perguntar a toda a gente, com as lágrimas nos olhos, se tinham por acaso visto o meu cachimbo. Onde eu visse um sujeito de cachimbo na boca, estacava logo, de olhos esbugalhados. Já diziam que eu era maluco. O tempo foi passando e por fim o cachimbo apareceu!

« Calcula : um galego entrou um belo dia na fragata e entregou-me o precioso objecto. Abracei-o chorando e beijei-o



no pescoço. Além disso presenteei-o com uma bolsa cheia de corôas e prometi lembrar-me dêle no testamento. O homem agradeceu e contou-me que tinha encontrado o cachimbo dentro de um pão da « Nacional »; estava persuadido que fôra amassado por engano e por pouco não tinha partido dois incisivos. Acrescentou ainda que o facto lhe parecia bastante singular.

« Tempos depois embarquei para Italia na *Linda Viajante*, comandada pelo Castro Barbaças. Levávamos um carregamento de pevide para Nápoles, porque parece que havia lá pouca e estava fazendo muita falta. Tu conheces Nápoles. Bem, escuso de estar com descrições. Está claro: fui vêr o Vesúvio. Quando me debrucei à beira da cratera, zás! abala-me o cachimbo por ali abaixo. Dei um grito de dor. Estava perdido, absoluta, definitiva, irrevogavelmente, o meu querido cachimbo!

« Nesse dia comprei duzentos cigarros e apanhei uma bedeira muito razoável. Tudo para ver se esquecia aquele grande desgosto. Adormeci. No dia seguinte fui acordado por um grande estrondo, e balanço extraordinário. Parecia o dia de juizo, ou antes, a noite da maluqueira, porque estava tudo escuro e cheirava a enxôfre e a pneumáticos queimados. O Vesúvio fazia lembrar o parque Eduardo VII em noite de revolução.

« Após alguns minutos de terrível anciedade soubemos a causa do fenómeno.

« O vulcão entrara em actividade.

« Por fim tudo voltou pouco a pouco á ordem primitiva e nós desembarcámos para ver os estragos. A lava tinha-se solidificado; tres aldeias estavam completamente enterradas. Resolvemos subir lá acima. De repente escorreguei e lá venho eu de escantilhão por ali abaixo numa velocidade medonha. Calcula: ia direito a um abismo que não tinha menos de tresentos metros a pique! Súbitamente senti um choque e o meu pé direito apoiou-se numa saliência que me susteve. Lembrei-me de um tronco de árvore, de uma pedra providencial... Qual história! Olhei de esguelha e não pude conter um grito de espanto: era o meu cachimbo, o meu adorado cachimbo que estava sólidamente espetado na lava e acabava de me salvar a vida!

« Entretanto os meus companheiros deitaram-me um cabo. Amarrei-o á cintura e depois de guardar o cachimbo no bolso, deixei-me içar dali para fora. »

Nesta altura interrompi a narrativa do Eufrásio:

« Mas tu disseste que o cachimbo estava sólidamente espetado na lava. Como pudeste tirá-lo sem ferramenta? »

« É que o choque do meu corpo tinha-o feito aluir bastante », respondeu com naturalidade.

« Continua, Eufrásio, repliquei docemente.

Eufrásio não se fez rogar:

« — Levar-me-ia muito longe a narrativa circunstanciada de todas as aventuras do meu cachimbo. Em Buenos Aires fui uma vez assaltado por *apaches*. Nem me deixaram em fralda de camisa porque a própria camisa me levaram. Mas o cachimbo escapou, porque nenhum teve forças de m'o arrancar dos dentes. Em Nova York fui atropelado por um milionário. Parti o braço esquerdo, fracturei tres costelas e arranjei uma luxação da anca. Relógio, canivete,



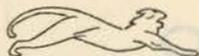
«Tic-au-tac»

Um conhecido advogado, rasoavelmente bruto, dizia uma vez conversando com o padre Santos Farinha:

— O meu filho parece que não é tolo. Mas se sair estúpido, se me convencer que é uma besta, só tem uma carreira a seguir: estuda para padre.

E o padre Farinha com voz meliflua:

— O pai de V. Ex.^a com certeza não pensava assim...



Monumento a José Fontana

Em épocas prehistóricas (a data precisa perde-se na noite dos tempos), foi celebrado o lançamento da primeira pedra do monumento a José Fontana.

O facto estava já meio esquecido quando, na semana passada, os estudantes do Liceu Camões tiveram a feliz ideia de lançar... a segunda pedra!

Generosa mocidade!

fosforeira, ficou tudo em estilhas, mas o cachimbo ficou intacto. Uma vez, numa caçada aos leões na ilha de S. Vicente um dos atiradores disparou a arma sem querer e acertou-me nos queixos. Baixei ao hospital e o director da enfermaria verificou que se a bala trouxesse um desvio de dois centímetros o meu adorado cachimbo ficaria despedaçado. Nestes dez anos naufraguei oito vezes. Em seis naufrágios salvei eu próprio o cachimbo, noutra fui pescado já sem sentidos com o cachimbo na boca e da última vez entregaram-me o cachimbo no consulado em Dakar. Fôra a única coisa que se tinha salvo do encalhe do navio!»

Eufrásio terminara a sua narrativa.

Daí a pouco levantou-se e foi para terra. Eu estava de serviço, infelizmente não pude acompanhá-lo, do que tive bastante pena porque há lá uma rua que eu sei onde a gente se podia divertir imenso. Fiquei pois a bordo, olhando com tristeza para os milhares de luzinhas que brilhavam na cidade...

A's tres da madrugada, o Eufrásio entrou a bordo em completo estado de embriaguês. Subiu de gatas a escada do portaló, e quando pôs em mim os olhos envidraçados, regougou:

«— Já o encontrei! Já o encontrei!»

Não se assuste o leitor. O que se tinha passado fôra tudo quanto há de mais natural. Com mal contida emoção, Eufrásio contou-me que em pleno caes se lhe deparara um grande ajuntamento de curiosos em torno de um tubarão que a tripulação de um junco chinês tinha pescado naquela tarde. Ao lado do tubarão exibiam-se os objectos que lhe tinham encontrado no buxo: tres latas de conservas, uma machadinha, uma bota, dois saca-rolhas, um volume de versos de Virginia Victorino e finalmente o cachimbo—o famoso cachimbo do Eufrásio! A morte do esqualo era geralmente atribuída a indigestão literária.

... Toda a gente sabe que o homem do mar nunca falta à verdade e gosta de fumar cachimbo.

PLAUTUS.



A nota inglesa á Alemanha



Chamberlain: — Faz favor de deixar aquêl menino socegado, senão... não a deixo ir brincar ali para dentro!



NA SINAGOGA

O rabi de mão espalmada sobre os textos hebraicos, prepara-se para esclarecer as dúvidas de um correligionário.

— Então que temos de novo?

— Prudente rabi, torna o outro, eu queria saber se ao sábado—louvado seja o senhor que criou tão santo dia!—queria saber se é permitido... matar-se uma pulga.

O sacerdote engolfa-se em cogitações e responde ao cabo de cinco minutos de profunda reflexão:

— Tranqüilisa-te. Podes matar uma pulga ao sábado.

— E não é pecado?

— Não. Matar uma pulga ao sábado não é pecado. Tens mais alguma dúvida?

O outro hesita e diz:

— E posso também matar um piolho?

Nova meditação do rabi. Um piolho... Nada, um piolho não pode, por um bom judeu, ser morto ao sábado. O consulente abre desmedidamente os olhos, cheio de pasmo.

— Mas então porque motivo não é pecado matar uma pulga e é proibido matar um piolho?

— É bem simples. A pulga salta, e *rás*-se se a não matares ao sábado, ao passo que o piolho fica e podes mata-lo ao domingo.

A SEXTA ARMA

Era o Fanéca um soldado
Do nove de infantaria
Um môço disciplinado
Que ao quer que fosse mandado
Prontamente obedecia.

O Fanéca ia á ribeira
Ia ao talho, ia ao mercado
Dava a roupa á lavadeira
E auxiliava a sopeira
A mexer o refogado.

O cabo da companhia
Que era tipo espertalhão
Abeirou-o certo dia
E falou-lhe em revol'ção
A favor da monarquia.

O Fanéca, irresoluto,
Poz-se a coçar no toitiço.
O outro deu-lhe um charuto
E por fim disse lhe: ó bruto,
O cabo manda, é serviço...

Meses depois, um sargento
— Sem que o Fanéca resista —
Falou-lhe num movimento
De character bolchevista
Em que entrava o regimento.

Vem mais tarde um capitão
Com *bóssa* p'ra radical
E ordena que o batalhão
Vá com granadas de mão
Assaltar o Arsenal.

Como o Fanéca é mandado
Resistir, nem pensar nisso;
Larga a escova do calçado
Veste a farda de soldado
E marcha... porque é serviço.

O major da companhia,
Que é joven sindicalista,
Chamou o Fanéca um dia
P'ra dar um golpe *esquerdista*
Contra o Antonio Maria.

O Fanéca ia p'ra a luta
C'o uma tristeza profunda,
E extranhava que a recruta
Fosse sempre na Rotunda
E duma forma tão bruta...

Certo dia, uma granada
— Que são levadas da breca —
Quiz-lhe ser apresentada,
E teve com o Fanéca
Uma conversa pegada.

Quatro furos na fardeta,
Nove meses d'hospital,
Dois borrões na caderneta,
Uma orelha p'ró *manêta*
E o retrato no jornal.

.....
Agora está emendado
— Tão mal lhe soube o petisco —
Foi de novo convidado,
Mas respondeu que é soldado
Das armas... de São Francisco

JOÃO BASTOS.

Modos de dizer

Numa cêrca de hospital, dois* mutilados de guerra gosam tranqüilamente uma réstea de sol. Um deles é paralítico, o outro, cego. Este último interroga:

- Então como vai a saúde?
- Vai-se *andando*...
- E o cego, tacteando a perpétua imobilidade do paralítico na sua cadeira de rodas:
- Estou *vendo*, estou *vendo*...



Um alvitre

A Camara Municipal de Lisboa tomou a iniciativa muito louvavel de zelar a purêza da lingua. Muito bem. Só temos que aplaudi-la. E como desejamos concorrer para essa obra meritoria, aconselhamos a immediata substituição das palavras inglezas, já hoje inteiramente generalizadas para vergonha nossa, com que se designa o mais popular dos jogos desportivos — *Foot-Ball*. Basta trocar as iniciais para se obter uma designação castiçamente portugueza — *Bute e fole* escrevendo sonicamente. E não levaremos nada pela ideia.

BORDADA DE CEGO

Mocidade... catolica

No seculo xviii, este belo sol doirado em fundo azul, cobriu *faceiras e bandarras, peraltas e secias*. Elas e eles, sendo na apparencia dengosos e melifluos, eram intimamente bem do seu sexo. Eles bem sabiam que se assim não fosse, lá estaria a Inquisição para lhes ir ao pêlo crestando-lhes a péle. No seculo xx, apesar do pigarro do romantismo, o homem era bem homem e a mulher bem mulher. O *janota* másculo desde a ponta dos colarinhos aos bicos dos sapatos, fumava como um turco, bebia como um Baco e amava como um Casanova. A *janota* bordava ao bastidor, fazia doces e amava dentro das normas da carta de *namoro... e constitucional*. Este primeiro quarto... independente do seculo xx, trouxe a confusão dos sexos. O *papo seco* é femêa e a *papa seca* é macho. E se não vejamos: — Ela, usa cabelo curto, ele, comprido; ela, levanta a saia, ele, abaixa a calça; ela, bebe cerveja, ele, leite; ela, fuma, ele, tosse; ela, usa bengala, ele, leque. E tudo isto se explica, porque em literatura, ela, vae pela poesia da sr.^a D. Virginia Victorino e ele, vae pelo verso... do sr. Antonio Boto.

Beleas... de hortaliça

Em *Belas... Artes* os produtos horticolas estão carissimos. Ha anos o sr. Columbano vendeu um olho de couve por um conto; este ano o sr. Carlos Reis pede pelas suas aboboras cincoenta contos. É caso para dizer: — Aboboras que arrôis é aqua!

Mau... habito

Lêmos que o sr. ministro da Instrução, tinha oferecido á «Sociedade da Voz do Operario», o habito de Cristo. Haveria mais propriedade tendo-lhe oferecido a *blusa... de S. José* ou o *fato de macaco... de S. Simão*.

Oxalá que a benemerita sociedade, que tantos e tão bons serviços tem prestado ao espirito dando-lhe instrução e ao corpo dando-lhe cova, não comece a contrair maus habitos com o contagio do de Cristo.

Notas... falsas

Das cédulas de vinte centavos dizem que havia cinco tipos de tipas em *contrafação... e putrefação*. Em materia de *notas... falsas*, achamos preferiveis as dos nossos cantores de operetas ás imitações mais perfeitas das da Casa da Moeda. Neste sujo caso de cédulas porcas, se o Estado foi intrujado, quem pagou as diferenças fomos nós. E que diferença! Em cem notas que vão a trocar setenta e cinco trazem o ferrete de falsa.

A côr é tudo...

Não sei se já repararam na grande quantidade de pessoas que para aí usam oculos verdes. Perguntando a um amigo, que á vista desarmada vê longe, as vantagens de semelhantes oculos, respondeu-nos:

- Têm grande vantagem na alimentação...
- Na alimentação?!
- Sim! Porque dando-lhes palha, eles vêm-na verde e comem-a como leno...

Abôrto... revolucionario

Era de esperar!... Híbrida de uma mistura de alguns republicanos e de muitos monarchicos, a revolução teria de abortar. Com semelhante cruzamento, o *mau... successo* — seria fatal. O enxêrto não *pegaria*, nem mesmo de *garfo... e faca*, apesar de, no fundo, se tratar de pôr mais alguns talheres á meza do orçamento. E agora, que as *bocas... de fogo* se calaram para restarem apenas as linguas viperinas dos boateiros, vamos examinar de relance o abôrto. Seria uma *primo-derriverada*? Seria um *dezembrismo*, esta abrilada? Seria obra da União dos Interesses Economicos? Seria o que fosse, o que não era, era *coisa séria*. E bem ridicula foi, desde a arrogancia d'um general em pijama, ás cuécas arvoradas em bandeira de treguas, na hora da derrota. E se de tragico teve, nos mortos e feridos, revoltante foi em terem os *galões* arrastado soldados, a quem a farda impõe obediencia cega, a um acto que seria favoravel aos *interesses economicos*, mas nunca aos seus interesses como *filhos do povo*. Os senhores conservadores, quando quiserem trazer as suas *conservas* para a *praça publica*, sirvam-se das suas *forças... vivas* e não vão buscar os explorados para defesa dos seus *principios... e fins* exploradores.

Se a revolução triunfasse, trunfo seria *espadas*, mas como o exêrcito fiel á Constituição venceu, *meteram-se... em cópas*.

CARLOS SIMÕES.



Cá está o "Espectro"!...

Semanario de caricaturas

Venda avulso — 1\$50 cada exemplar.

Por assinatura:

Serie de 26 numeros.....	30\$00
» » 52 »	78\$00

O primeiro numero da série publica-se no sabado, 30 de maio de 1925

Publica-se aos sabados

Redacção e administração: Rua do Mundo, 95 — LISBOA

Composto e impresso na Tipografia da Empresa do Anuário Comercial
Praça dos Restauradores, 24 — LISBOA

**NOVO DICIONÁRIO
DA
LINGUA PORTUGUESA**

POR
Candido de Figueiredo

3.^a edição, corrigida e copiosamente
aumentada

Mais de 200.000 vocábulos ou
artigos, 2 grossos volumes, con-
tendo mais de 2000 paginas, im-
presso em bom papel e so.ida-
mente encadernados.

Esc. 200\$00

Pedidos á

S. E. Portugal-Brasil
58, R. Garrett, 60—LISBOA

CASA MIMOSO

Rua do Ouro

Exposição permanente
dos modelos recentemente
recebidos.

SEMPRE NOVIDADES

Livraria INTERNACIONAL
Augusto Graça, L.^{da}

44, Calçada do Sacramento, 44

LISBOA

LIVROS DE ESTUDO,
SCIENCIA E LITERATURA
PORTUGUESES E ESTRANGEIROS

MATERIAL ESCOLAR

PAPELARIA

OBJECTOS DE ESCRITORIO

Trabalhos tipograficos
e encadernações
em todo o género

SABONETES
ACH. BRITO
PORTO
A' venda em todo
o País

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL

Acções.....	360.000\$00
Obrigações.....	258.660\$00
Esc.	618.660\$00

Sede em Lisboa—Proprietária das fábricas do Prado, Maria-
nala, Sobrelrinto, (Tomar), Penedo, Casal do Ermio (Louzã), Vale
Maior (Albergaria-a-Velha).

Fábrica de papel de todas as qualidades de impressão e escrita.
Fornecedora dos jornais e das mais importantes empresas do
país.

Escritórios e Depósitos

Lisboa—270 R. dos Fanqueiros—276—Porto—49-R. de Passos Manuel 51

End. teleg. para Lisboa e Porto: PELPRADO
Telefones: Lisboa, 2605 e 4543—Porto, 107

Companhia de Moçambique

GOVERNO DO TERRITORIO DE MANICA E SOFALA

SEDE—Largo da Biblioteca Publica, 10—LISBOA

COMITÉ DE LONDRES

Thames House—Queen Street Place

LONDON, E. C.

COMITÉ DE PARIS

17, Boulevard Haussman

PARIS

Movimento Comercial em 1923

Importação.....	4.374.373\$00	Esc. ouro
Exportação.....	6.560.358\$00	» »
Reexportação.....	21.331.648\$00	» »
Baldeação.....	6.145.418\$00	» »
Trânsito.....	9.999.619\$00	» »
Cabotagem.....	2.201.151\$00	» »
Total do Movimento Comercial:	50.612.567\$00	» »

SERVIÇO DA REPÚBLICA

MINISTERIO DAS FINANÇAS

É aberto concurso para a aquisição pelo Estado, por intermedio
do Commissariado Geral dos Abastecimentos, de 15.000.000 (quinze mil-
hões) de caixinhas de fosforos de madeira (amorfos ou de cera) nas
seguintes bases:

- 1.^a—O tipo de fosforos deve ser de qualidade não inferior á dos
até agora fabricados pela Companhia Portuguesa de Fosforos
—como amorfos de luxo.
- 2.^a—Cada caixinha deverá conter, pelo menos, quarenta palitos
fosforicos.
- 3.^a—A apresentação das propostas, que devem ser acompanhadas
das amostras respectivas, com indicação dos preços correspon-
dentes, c. i. f. Tejo, deverá ser feita até o dia 20 do corrente
mês.
- 4.^a—Em igualdade de condições de preço e qualidade será prefe-
rida a proposta que garantir dentro de menor prazo a entrega
dos produtos em Lisboa.
- 5.^a—O pagamento será feito por meio de abertura de credito ir-
revogavel a satisfazer contra entrega do jogo dos documentos
de embarque.
- 6.^a—O Governo reserva-se a faculdade de não adjudicar nenhuma
das propostas apresentadas, caso não convenham.
- 7.^a—É condição indispensavel para ser admitido ao concurso, que
o proponente prove ter feito o deposito, á ordem do Governo
Portugués, de cinquenta mil escudos na Caixa Geral de De-
positos, ou o seu contra valor nos Banqueiros do mesmo Go-
verno, em Londres, Bering Brothers Ltd., em Paris, Credit
Lyonnais.

Realizada a adjudicação e para ser feito o contrato será este de-
posito elevado ao dobro como garantia do seu integral cum-
primento.

8.^a—Quando depois de feita a adjudicação e dentro dos cinco dias
a contar da data daquela, não fór pelo proponente ou seu le-
gitimo representante assinado o contrato, será perdida a favor
do Estado a importancia do deposito provisorio.

E, quando assinado o contrato, este não fór integralmente cumprido
por parte do adjudicatario, será aquele considerado rescindido, rever-
tendo a favor do Estado o deposito definitivo.

Lisboa, 6 de Maio de 1923.

O Commissario Geral dos Abstecimentos, José Augusto Sá da Costa

A HERANÇA MALDITA



Uma digestão muito difícil